



CENTRO UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS

FRED HILTON GONÇALVES DA SILVA

**A SOBERANIA DIVINA E OS LIMITES DA
RESPONSABILIDADE HUMANA: A ORIGEM DO MAL E A
BUSCA DA FELICIDADE**

**Dourados
2020**



CENTRO UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS

FRED HILTON GONÇALVES DA SILVA
RGM 323.2902

**A SOBERANIA DIVINA E OS LIMITES DA
RESPONSABILIDADE HUMANA: A ORIGEM DO MAL E A
BUSCA DA FELICIDADE**

Trabalho apresentado na Disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso do ano de
2020, Curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade UNIGRAN – Centro
Universitário da Grande Dourados

Professor Msc. Márcio José de Oliveira
Rocha

Dourados
2020

A SOBERANIA DIVINA E OS LIMITES DA RESPONSABILIDADE HUMANA: A ORIGEM DO MAL E A BUSCA DA FELICIDADE

Fred Hilton Gonçalves da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho objetivou realizar uma investigação bibliográfica, tendo como referencial teórico Agostinho de Hipona. Partindo dos escritos do Bispo de Hipona para um questionamento recorrente quer seja a origem do Mal, no que tange ao mal moral. A busca pela origem do mal, não tem objetivo senão o caminho oposto, o sumo bem, a vida feliz. A proficiência literária de Agostinho é explorada para definir suas conclusões sobre a origem do mal e de uma vida feliz. Para isso adentram no presente trabalho o conceito de Livre Arbítrio da Vontade, que confere a teia que liga a origem do mal e de uma vida feliz. A utilização desse bem dado por Deus a cada um, é onde se prende a provocação inicial. A Reponsabilidade Humana é mola propulsora que traz as provocações deste trabalho pois é um conceito que a humanidade tenta se furtar em admiti-lo. Partindo de uma cosmovisão cristã, o conceito de responsabilidade é intrínseco a fé, porém entra em tensão com outro conceito bíblico: A Soberania Divina. Deste modo apresentar essa tensão de maneira superficial tão somente é necessário para entender que não se excluem como forças antagônicas, antes é apresentado por Agostinho em suas obras na maturidade como essencial para encontrar a verdade, a conseqüentemente a vida feliz.

PALAVRAS-CHAVE: Mal Moral, Vida Feliz, Responsabilidade Humana.

ABSTRACT

The present work aimed to carry out a bibliographic investigation, using the theoretical reference Agostinho de Hipona. Starting from the writings of the Bishop of Hipona to a recurring questioning whether it is the origin of Evil, with regard to moral evil. The search for the origin of evil, has no purpose but the opposite way, the highest good, the happy life. Augustine's literary proficiency is explored to define his conclusions about the origin of evil and a happy life. To this end, the concept of the Free Will of the Will enters the present work, which confers the web that links the origin of evil and a happy life. The use of this good given by God to each one is where the initial provocation is attached. Human Responsibility is the driving force that brings the provocations of this work because it is a concept that humanity tries to avoid in admitting it. Starting from a Christian worldview, the concept of responsibility is intrinsic to faith, but it comes into tension with another biblical concept: Divine Sovereignty. In this way, to present this tension in a superficial way is only necessary to understand that they are not excluded as antagonistic forces, rather it is presented by Augustine in his works in maturity as essential to find the truth, and consequently the happy life..

KEY WORDS: Moral Evil, Happy Life, Human Responsibility.

INTRODUÇÃO

Um pensamento que sempre assolou a humanidade é a origem do mal, bem como a causa de procedermos mal. Desde o período mítico, até estudos modernos como a ponerologia, busca-se respostas para o mal. Do outro lado da moeda, a todo tempo a humanidade busca o caminho para a felicidade. Examinar o conceito do que seria o “mal” especificamente o mal moral e caminhar na direção oposta de como construímos uma vida feliz é a questão teológica e até

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Teologia na modalidade EAD, pela Universidade da Grande Dourados – UNIGRAN. Dourados - MS

ontológica que se busca entender. E nesta discussão conhecer os limites da responsabilidade humana. “[...] haverá um só homem sequer que não queira e deseje, de todos os modos, viver uma vida feliz?” (AGOSTINHO, 1995, p. 61)

Quando se cumpre a missão de proclamar o evangelho, principalmente nos centros urbanos, a “última fronteira” segundo Goheen (GOHEEN, 2019), vamos ser questionados, entre outras indagações, porque esse Deus que pregamos, se é tão bom, permite todo esse mal no mundo? A revolta não é especificamente com o Deus que pregamos, mas uma busca imanente pela felicidade. Quando se propõe então a investigar o mal, a intenção última, diante de toda a angústia da humanidade é encontrar o bem, a felicidade, a vida feliz (*Beata Vita*)².

Encontra-se no pensamento de Agostinho de Hipona, um caminho para explorar, principalmente o conceito intrínseco da responsabilidade humana que um dos maiores teólogos e filósofos apresenta. Onde está nossa responsabilidade quanto ao mal e no mesmo sentido em encontrar o sumo bem? É sobre essa inquietude, sobre a possível reponsabilidade pelo mal, quando atribuída a cada indivíduo que se pretende explorar.

Evódio, o interlocutor de Agostinho em sua obra “O Livre Arbítrio”, em suas colocações, questiona a respeito do motivo de penas tão cruéis recaírem sobre nós e continua afirmando que talvez fosse preciso entender que tais males nos são justos. Pois nos distanciamos da fortaleza da virtude e nos entregamos a escravidão da paixão. (AGOSTINHO, 1995, p. 54-55)

O sofrimento humano nos avilta todos os dias, então para além de examinar e discutir o mal moral, propõe-se a um trabalho dialético no sentido de buscar no livre arbítrio da vontade humana o caminho para a liberdade em poder fazer o bem. Existem limites na responsabilidade humana para chegarmos a uma vida feliz “*Beata Vita*”?

Percorrer a densidade do pensamento de Agostinho, principal referencial teórico neste artigo, é desafiador, mas a contribuição de suas obras traz perguntas antigas, mas que nunca cessam do desafio de respondê-las. Existe uma resposta absoluta para uma vida feliz? No que se baseiam se é que existem limites para a responsabilidade humana para o bem ou para o mal? Esse é e sempre será um tema atual, no qual arrisca-se a submergir e ao voltar à tona quem sabe apresentar um vislumbre de um tema tão denso e desafiador.

Livre Arbítrio: a perspectiva de Agostinho de Hipona sobre vontade

² Beata Vita é um termo utilizado por Agostinho de Hipona em suas obras que abrange a significado de vida feliz ou plena

Agostinho de Hipona, um dos principais teólogos e filósofo cristão do pensamento patrístico produziu suas obras quando o Cristianismo acabava de se tornar a religião oficial do Império Romano e ainda não tinha bases doutrinárias sólidas. Agostinho era filho de uma cristã, mas as dificuldades em conciliar os escritos do velho testamento com a imagem de Deus o afastou do cristianismo. Permaneceu vinculado ao maniqueísmo por quase 10 anos, quando no ano de 386 converteu-se ao cristianismo. Ao integrar sua cultura anterior à fé cristã, contribuiu para uma melhor compreensão das Escrituras buscando um entendimento racional da fé.

É importante ao buscar compreensões sobre o seu pensamento, explorar a vida de Agostinho pois deste amalgama que citamos anteriormente percebe-se que existe uma relação intrínseca entre o pensamento e a vida de Agostinho. Sua obra *Confissões* (AGOSTINHO, 2017) deixa isso bem evidente.

Então a pergunta feita por Agostinho, quer seja: qual é a causa da prática do mal e o que significa proceder mal bem como sua construção do conceito de vontade, nos lança a fundo em busca de respostas ou novas perguntas relacionadas a nossa responsabilidade. Percebe-se mais uma teodiceia³ agostiana do que uma onto-teologia,⁴ embora os conceitos estejam imbricados de maneira quase indistinguível, as proposições do autor trabalham ambas.

Este problema abordado na obra de Agostinho “O livre-arbítrio”, não é algo inédito para o autor antes percebe-se, em toda a sua trajetória de vida e que pode ser encontrado nos trabalhos que o autor nos deixou.

Quando é que Vós, ó Verdade, me não acompanhastes para me ensinardes o que havia de evitar e o que devia desejar, todas as vezes que Vos consultei? [...] Passei depois às profundezas da memória, a essas amplidões sucessivas, admiravelmente repletas de inumeráveis riquezas. [...] Revolvia nos grandes tesouros da memória várias impressões, ora percorrendo umas, ora manifestando outras. Mas não era eu quem fazia tudo isso, nem era a força com que eu agia, a qual não éreis Vós, porque sois a luz imutável que eu consultava acerca da existência, da qualidade e do valor em todas estas coisas. [...]. Mas caio em baixezas cujo peso me acabrunha. Deixo-me absorver e dominar pelas imperfeições habituais. Choro muito por isso, mas sinto-me ainda muito preso. Tão pesado é o fardo do costume! Não quero estar onde posso, nem posso estar onde quero. De ambos os modos sou miserável! (AGOSTINHO, 2017).

O tema central de “O Livre Arbítrio”, pode ser resumido assim. Recebemos um bem de Deus, o livre-arbítrio e deste provém o mal. Essa é a conclusão de Agostinho já no final do livro I. A problemática desenvolve-se, pois esse mal não provém do livre arbítrio enquanto um bem, se

³ O termo é derivado da obra *Ensaio de Teodiceia* de 1710 do filósofo Alemão Gottfried Leibniz. (LEIBNIZ, 2013)

⁴ Esse conceito foi proposto por Martin Heidegger em sua obra *O que é isto a Filosofia? Identidade e Diferença*”. (HEIDEGGER, 2006)

assim fosse, Deus seria então o autor do mal. Isso é rebatido durante toda a obra, aí entra a teodiceia de Agostinho. Este julga que o mal vem a ser o abuso no uso do livre arbítrio. Neste sentido como entender os limites da responsabilidade humana, quer seja, a temos para procedermos mal, mas para o bem necessitamos a graça divina?

Ag. Logo, que motivo existe para crer que devemos duvidar - mesmo se até o presente nunca tenhamos possuído aquela sabedoria - que é pela vontade que merecemos e levamos uma vida louvável e feliz; e pela mesma vontade, que levamos uma vida vergonhosa infeliz? (AGOSTINHO, 1995, p. 43)

O conceito de Livre Arbítrio de Agostinho, tem em seu aspecto central a ligação com a nossa vontade. A nossa vontade, atributo essencial para sermos seres conscientes é um bem dado por Deus, mas a sua corrupção desde o Éden faz o homem buscar as coisas corruptíveis. A humanidade está em uma busca por autonomia, o ser humano ainda quer o Éden perdido, mas sem a dependência de Deus, como Albuquerque e Furtado, apresentam

A busca primordial era por autonomia, um governo independente, movido pelos próprios interesses do homem, sem interferência nenhuma de Deus, mesmo que o homem quisesse gozar das bênçãos e das maravilhas da criação de Deus, longe da queda. É como se quisesse jogar a “queda” para debaixo do tapete, fugir da presença de Deus e gozar de um “Éden” onde Deus não visitasse o homem na viração do dia. (ALBUQUERQUE e FURTADO, 2020, p. 17)

A vontade do homem ainda quer as coisas maravilhosas que presenciou no Jardim do Éden, porém de maneira desvinculada do criador. Quer sentir novamente o prazer e a felicidade que havia naquele lugar. A vontade humana acabou focada nesta busca pelo prazer, que propositalmente errada leva ao mal que citamos.

Precisamos entender também, e nos utilizamos de João Andrade Ferreira, que o mal moral é um problema que não está estrito ao cristianismo. Independente da forma que se pretende estudar, ele é um fato.

O mal natural e o moral existem no universo como um fato, e existiria mesmo que o cristianismo jamais o mencionasse. O cristianismo apenas intensifica o problema devido à luz que ele lança sobre o caráter de Deus, e a concepção mais elevada que tem do homem, mas não cria o problema. (FERREIRA, 2018, p. 260)

Fazendo uma digressão até o pensamento neoplatônico, percebe-se também indagações que se inserem no pensamento a respeito do mal. Geisler e Feindeberg (GEISLER e FEINBERG, 2016) quanto apresentam as soluções filosóficas para o mal, trazem várias correntes de pensamento, quer sejam: ateísmo, panteísmo, dualismo, finitismo, necessitarismo, impossibilismo. Todas essas correntes dentro do pensamento cristão apresentam sérias dificuldades na sua conclusão sobre o mal. Por isso os autores apontam o teísmo como possibilidade para uma explicação mais adequada para o problema.

O conceito então mais característico de Agostinho seria de que a vontade é o movimento de uma alma racional, sem que nada a force, nem a não perder, nem a adquirir algo. O livre arbítrio por conclusão do autor é um dos atributos da vontade e conforme a sua má utilização a causa do mal moral.

Neste aspecto, ainda é importante salientar que os escritos de Agostinho podem ser lidos em uma crescente: da visão filosófica contra os maniqueus, para cada vez mais aproximar seus escritos da dependência da Soberania Divina, da Graça, como podemos perceber no livro já citado Confissões. Brown então em seu livro Filosofia e Fé Cristã acerca do pensamento de Agostinho assevera:

Com os pelagianos (que argumentavam que o homem podia e devia fazer as pazes com Deus pela prática do bem), Agostinho debatia a questão do livre arbítrio. A experiência e a revelação cristã demonstram que o homem já estava por demais perdido no pecado para poder ajudar assim mesmo. Somente Deus poderia deixar o homem bem consigo mesmo, e libertá-lo das consequências de seus próprios pecados. (BROWN, 2007, p. 19)

Agostinho veio amadurecendo em seus escritos na direção de dependência de Deus e da sua Graça, sendo que não encontramos de maneira profunda uma preocupação em conciliar a Soberania Divina com a Responsabilidade Humana. Mas certamente a influência de Agostinho é inegável tanto na catolicidade quanto nos escritos protestantes, mesmo que com cores diferentes seu pensamento permeia a teologia atual.

Soberania Divina e Responsabilidade Humana: Uma questão suprracional

Um tema que está presente então em toda a discussão cristã sobre o mal, é a tensão entre a responsabilidade humana e a soberania divina (onipotência e presciência). Seguindo então o pensamento de Agostinho, acrescenta-se o ponto inicial do credo Apostólico: “Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra.”. Realmente nós temos o poder de escolha? Existem muitos teólogos, bem como correntes teológicas que focam no determinismo, todas as coisas estão determinadas por Deus, porém, isso parece mais uma forma de fuga da responsabilidade, pois falta dizer em que nível estão determinados os nossos atos. Os escritos de Agostinho nos conduzem por um pensamento que pode ajudar na tentativa de conciliar esses pontos.

Um dos autores mais respeitados que trata sobre essa temática é Donald Carson, e antes de prosseguir, um ponto a ser considerado está na introdução da sua obra Soberania Divina e Responsabilidade Humana: Perspectivas Bíblicas em Tensão, onde o autor assevera sobre a relevância deste tema:

Tanto a teologia quanto a filosofia contendem com a tensão que existe entre a soberania de Deus e a responsabilidade Humana. [...] Embora não se restrinja às religiões monoteístas, essa tenção é particularmente crítica nessas religiões, porque o monoteísmo puro exclui o dualismo cosmológico e geralmente retrata Deus como sendo onipotente e bom. [...] As questões comuns que essa tensão suscita são bem conhecidas. Se Deus é absolutamente soberano, em que sentido podemos falar significativamente de escolha humana, de vontade humana? (CARSON, 2019, p. 14)

Ainda para Carson, essa tensão entre soberania divina e reponsabilidade humana não é um problema a ser resolvido, mas sim uma estrutura a ser explorada. Assim são necessários alguns apontamentos sobre a validade do livre arbítrio, contumaz sobre seu conceito ante a teologia reformada.

Não podemos negar nenhum dos dois pressupostos, pois conforme Albuquerque e Furtado estão claras e expressas nas escrituras, e a forma como encaramos isso, certamente afetará como pensamos nossas ações cotidianas.

A Bíblia está repleta de passagens que demonstram a soberania divina e a responsabilidade humana. As escrituras ensinam que Deus é soberano sobre toda a criação, porque à fez, porque á sustenta; e, por isso, toda a criação ele pertence. As escrituras também falam bastante sobre o ser humano. O ser humano é um ser moral com a habilidade de fazer escolhas significantes que impactam a história, de forma que isso o separa de todos os demais da criação. São duas verdades bíblicas do cristianismo indisputáveis, todavia cercada por muita controvérsia, isto é a soberania de Deus e a responsabilidade humana. (ALBUQUERQUE e FURTADO, 2020, p. 9)

Diante de tal argumentações, Charles Spurgeon ao ser questionado como ele reconcilia a responsabilidade humana com a soberania divina de maneira muito sagaz respondeu que nunca ousaria reconciliar dois amigos. (ALBUQUERQUE e FURTADO, 2020). Essa tarefa, por qualquer caminho que sigamos tende a produzir contradições. Jonas Madureira em seu livro *Inteligência Humilhada* (MADUREIRA, 2017) apresenta uma maneira interessante de analisar esta questão quando expõe seu pensamento sobre a origem do mal. O autor convoca o leitor a humildade necessária para se chegar a certas questões. Ele afirma que esse problema é um mistério. Mas quando se fala em mistério, não se pretende levar para o lado exotérico nem mesmo entender como algo irracional.

Leibniz (LEIBNIZ, 2013) apresenta o termo superracional. Este conceito serve para entendermos que somos seres limitados e existem questões estão além da compreensão humana. A existência do mal no mundo, mesmo crendo em um Deus Soberano é algo que ainda não compreendemos por completo. Não é algo sem explicação. No caso algo superracional é algo

verdadeiro, porém ainda não passível de explicação ou de compreensão, Podemos usar esse termo para o conceito da Trindade como exemplo.

Uma questão então muito bem explorada por Albuquerque e Furtado, é a usurpação do trono. E neste aspecto encontramos o ponto de contato da teologia Agostiniana com essa tensão. A problemática está em ocupar um lugar que não nos pertence, querendo reivindicar uma soberania humana através do livre arbítrio. Mesmo quando colocamos a razão pura da filosofia como forma de buscar o bem, estaremos falhando ao usurpar o trono de Deus. Não precisamos entender o mecanismo como isso ocorre, mas precisamos entender que somos dependentes da Graça para a boa utilização do livre arbítrio.

Ambos os conceitos são bíblicos e dentro de uma teologia consistente não podem ser negados. Como eles trabalham em conjunto é algo que mesmo de interesse de muitos teólogos não podemos responder de forma categórica e concordando com o Madureira, é algo suprarracional. Carson apresenta seu entendimento, não de forma definitiva, mas que corrobora no sentido do livre arbítrio ser poder de escolha, ou ação, para que o homem possa ter responsabilidade por seus atos.

Por motivos bíblicos (pelo menos os que examinamos), não creio que as noções de liberdade humana que implica em poder absoluto de fazer o contrário possam ser sustentadas. Por essa razão, até que surjam melhores formulações, prefiro adotar uma visão de “livre arbítrio” nos moldes da “liberdade de ação” tratado anteriormente. Isso, admito, não é o ideal; mas como Cristão, considero estar mais próximos das perspectivas bíblicas... (CARSON, 2019, p. 258)

Mas o cerne da questão e nisto a validade em apresentá-la, é como isso afeta o cotidiano de cada um. Existe uma frase do filme “O Gladiador” em que o ator principal Maximus Merídium fala: “o que fazemos em vida ecoa na eternidade”. Esta frase trazida para o contexto cristão (*mutatis mutandis*) reflete um pouco da responsabilidade humana.

Albuquerque e Furtado exploram a questão da seguinte forma: “Nossas escolhas são importantes devido a maneira pela qual elas manifestam a soberania de Deus em nossas vidas”. (ALBUQUERQUE e FURTADO, 2020, p. 12)

Responsabilidade humana, livre arbítrio como causa ao problema do mal

Conforme as colocações acima e mantendo-se como alicerce o pensamento de Agostinho, focando na responsabilidade humana, o livre-arbítrio é um dos bens advindos de Deus, mas por ser o livre arbítrio da vontade algo que pode ser usado, tanto para o bem como para o mal, nosso autor alerta que não é um dos bens mais perfeitos. Para Agostinho tem-se os grandes bens, ou

cardeais⁵, e os bens médios que podem servir para o bem ou para o mal. E aqui situa-se o Livre Arbítrio. Mas algo que Agostinho assevera, foi que Deus deu o livre-arbítrio ao homem, para que este viva retamente, e que o homem não pode ser considerado reto ou não, senão sendo livre, logo, tendo responsabilidade por seus atos.

Ante a conclusão já apresentada que a reponsabilidade humana é preceito bíblico inegável, Agostinho conclui que é a má utilização do livre arbítrio quando este entrega a vontade à submissão das paixões mundanas a causa no mal moral. Então o livre-arbítrio do Bispo de Hipona está intimamente ligado às ações morais, o homem torna-se responsável perante suas opções e diante de seus atos. É pelo poder do livre-arbítrio, que o homem escolhe entre abraçar o bem ou voltar-se ao mal.

...ficou suficientemente estabelecido que nada pode sujeitar o espírito à paixão, a não ser a própria vontade. Porque nem um agente superior nem um igual podem constrangê-la a esse vexame, visto que seria injustiça. Tampouco, um agente inferior, porque esse não possui poder para tal. Resta, portanto, que seja próprio da vontade aquele movimento pelo qual ela se afasta do Criador e dirige-se às criaturas, para usufruir delas. Se, pois, ao declarar esse movimento culpável (e para ti apenas duvidar disso parecia irrisório), certamente, ele não é natural, mas voluntário (AGOSTINHO, 1995, p. 124)

As afirmações do autor nos levam a entender que Deus nos diferenciou dos animais com uma capacidade racional de decidir. Esta mesma capacidade de decidir, nosso livre arbítrio, foi um bem que Deus concedeu para que, voluntariamente as pessoas pudessem aproximar-se do Criador e permanecer voltado a Ele. Um fato então é que Deus concedeu a vontade livre ao homem, com intenção de que, espontaneamente, pudesse optar pelo bem. O mal surge quando o homem orienta essa vontade para o longe da vontade de Deus, apegando as suas paixões e apego as coisas passageiras deste mundo temporal.

Agostinho deixa isso vem evidente quando afasta de Deus a origem do mal, afastando inclusive de tudo o que Deus fez com a seguinte introspecção:

E para ti mau absolutamente não existe. Na verdade, não somente para ti, mas também para a sua criação em sua totalidade, porque não há nada fora de ti que possa invadir e corromper aquela ordem que tu estabeleceste para ela. ...e julgando melhor entendia que o que provinha do alto era melhor do que as coisas que temos aqui embaixo. (AGOSTINHO, 2017, p. 138)

Destarte então a caminhada prossegue no sentido de buscar o bem, a vida feliz. Ante os apontamentos registrados, uma boa síntese pode ser encontrada na carta de Tiago, pois este explicita de maneira clara o livre arbítrio, a responsabilidade humana e onde podemos buscar o que é bom.

⁵ Prudência, força, temperança e justiça.

A tentação vem de nossos próprios desejos, que nos seduzem e nos arrastam. Esses desejos dão à luz o pecado, e quando o pecado se desenvolve plenamente, gera a morte. Não se deixem enganar, meus amados irmãos. Toda dádiva que é boa e perfeita vem do alto, do Pai que criou as luzes no céu. Nele não há variação nem sombra de mudança. (Bíblia de Estudo nova versão transformadora, 2018, p. 2039)

São nossos desejos, nossa vontade que nos empurra para o pecado, nosso livre arbítrio nos atribui a responsabilidade por nossos atos. Porém nossa inclinação está corrompida, e buscamos os prazeres temporais como sinônimo de felicidade. Por isso um questionamento inicial pode-se ter por respondido, quer seja: temos responsabilidade por nossos atos, porém eles estão corrompidos e inclinados para as coisas deste mundo.

As questões levantadas não entram em sua profundidade, antes somente arranham a superfície destas questões tão densas. Mas a provocação é no sentido de evidenciar a responsabilidade humana pelo mal. A culpa da humanidade pelo sofrimento, pelo mal, não pode ser transferida para qualquer teoria filosófica, muito menos teológica. Deve ser assumida para que possamos então entender qual o caminho para o bem, para a vida feliz.

O que antagoniza o mal analisando o sentido amplo de “Beata Vita”

Agostinho tem em sua produção literária um tema que interliga todos os assuntos por ele discutidos: a busca da Verdadeira Felicidade. A máxima de que todos os homens querem possuir vida feliz é identificada em todas as culturas pois, conforme Agostinho assevera, mesmo os que vivem mal não viveriam assim se não cressem que podem ser ou que já são felizes deste modo.

Essa busca pela felicidade sempre foi tema central da Filosofia grego-romana originando o termo por qual essa disciplina ficou conhecida: Eudaimonia. Aristóteles em sua ética e na filosofia política acrescenta a virtude e a prudência ou sabedoria prática aos seus principais temas de discussão. Para o filósofo a palavra Eudaimonia era algo como o supremo bem humano, e esta, de uma forma ou de outra, poderia ser alcançada, ainda nesta vida, unicamente pelo esforço humano, segundo algumas correntes filosóficas pelo exercício da razão.

Agostinho foi influenciado pela Filosofia grego-romana, em toda a sua produção literária, bem como o eudaimonismo, é tema que perpassa todos seus escritos. A grande contribuição para a teologia foi a discordância do teólogo quanto ao lugar onde o encontrar e ao método para alcançar a felicidade. A felicidade pode ser alcançada unicamente em Deus, e assim Agostinho

estabelecendo uma distinção entre a sabedoria, que é alcançada pela Filosofia, e a Verdade, que é Deus, revelada através do Cristianismo.

...aquele que encontrou a Deus tem como propício é feliz; todo aquele que procura a Deus tem a Deus como propício, mas ainda não é feliz todavia aquele que se afasta de Deus por causa dos vícios e pecados não só não é feliz, mas nem sequer Deus é propício se a seu viver. (AGOSTINHO, 2018, p. 27)

O que se pode constatar então: para Agostinho, a busca da felicidade do homem é entendida como busca de Deus. A ligação filosófica da busca da verdade, para o escritor não fica restrito à simplesmente ser sábio, mas ser feliz. Desse modo, a busca pela sabedoria é busca da felicidade que é a busca a Deus, concluindo que só ao encontrar a Deus se encontrará a felicidade.

Portanto, de modo algum duvidamos de alguém decidido a ser feliz deva tentar alcançar algo que seja perene, que não possa ser-lhe roubado por algum tipo de acaso incontrolado. Mas já concordamos com isso é um bom tempo. O que vos parece, disse eu, é eterno e permanece para sempre? Licênio disse: isso é tão seguro que não precisa se quer interrogar. E todos os outros consentiram com isso, e com pia devoção. Então, quem tem Deus, disse eu, é feliz. (AGOSTINHO, 2018, p. 17,18)

A questão mais importante sobre a busca da felicidade aparece nos escritos de Agostinho, em especial aos produzidos na maturidade como Confissões. O amadurecimento do autor aponta para a necessidade da intervenção da Graça divina para revelar a verdade. Não há uma negação absoluta da razão, mas que a razão, segundo os conceitos filosóficos, não é suficiente ou autossuficiente para alcançar a verdade. “Eu tagarelava como se fosse um entendido no assunto, mas se não procurasse o caminho em Cristo, nosso Salvador, provavelmente eu não teria sido instruído, mas destruído”. (AGOSTINHO, 2017, p. 143)

A vida feliz (beata vita) é justamente andar em caminho inverso a causa do mal. O distanciamento da vontade, e de seu atributo o livre arbítrio do centro da vontade de Deus é a cauda do mal. E no mesmo sentido quando se busca a Deus, a vontade humana sujeita-se a distanciar-se das coisas temporais e podemos concluir que é sinônimo de uma vida feliz.

Para uma sociedade hedonista, que busca a felicidade em prazeres, parece até contraditório afirmar que a vida feliz está em distanciar-se dos desejos temporais, de deixar de lado as paixões terrenas. Pois sem o entendimento da Verdade pela graça Divina a percepção de felicidade está totalmente equivocada.

A vida feliz está diretamente ligada a distância que estamos de Deus, quanto mais nos aproximamos, quanto mais voltamos nossas vontades para Cristo, mais próximo estaremos de uma vida verdadeiramente feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As indagações sobre o mal, sobre uma busca pela felicidade são, e estarão presentes no pensamento da humanidade. Agostinho de Hipona em seus escritos apresentou reflexões importantíssimas para a fundamentação do pensamento atual a respeito do tema. Suas especulações a respeito do Livre Arbítrio fundamentaram vários teólogos em uma análise da responsabilidade humana.

Neste artigo percorreu-se uma trilha em cima do pensamento do autor para ao final podermos falar sobre a felicidade. A busca pela felicidade é motor da humanidade. Mas seus esforços têm fracassado de maneira acachapante. E após as exposições focadas principalmente nos escritos de Agostinho, este assevera uma interdependência entre felicidade e a busca por Deus. Uma vida feliz é uma vida focada em Deus, vivendo conforme Cristo no ensinou.

Talvez pareça uma resposta simplista, porém todo o esforço cognitivo de pensadores, bem como de filosofias tem buscado respostas para o mal, para o sofrimento da humanidade. E o cristão se depara diariamente com pessoas em sofrimento. Qualquer que seja a origem dos males, somos confrontados por um mundo muito longe da felicidade.

Percebe-se então um problema no próprio conceito de felicidade. Hoje a felicidade para a grande maioria das pessoas está ligada a questões materiais, isso envolve também a busca por prazeres carnais. E por pior que seja, esse conceito de felicidade está dentro das igrejas. Percebe-se claramente isso em pregações voltada a prosperidade material. Deus é tão somente um provedor de bençãos, que muitas vezes acontece com barganhas com dízimo, campanhas etc. Paulo adverte em sua carta aos Romanos a ira de Deus contra quem impede que a Verdade seja conhecida.

Assim, Deus mostra do céu sua ira contra todos que são pecadores e perversos, que por sua maldade impedem que a verdade seja conhecida. Sabem a verdade a respeito de Deus, pois ele a tornou evidente. Por meio de tudo que ele fez desde a criação do mundo, podem perceber claramente seus atributos invisíveis: seu poder eterno e sua natureza divina. Portanto, não têm desculpa alguma. (Bíblia de Estudo nova versão transformadora, 2018, p. 1829)

O que Paulo assevera é que todos somos indesculpáveis e uma das inquietudes que moveu a confecção deste artigo é justamente a negação da reponsabilidade humana. A humanidade não quer ser responsável por seus atos. E a negação da responsabilidade acontece tanto com quem professa a fé cristão ou não. De um lado os cristãos colocam a culpa no Diabo, ou no determinismo Divino. No lado daqueles que não professam o cristianismo, a culpa é do Carma, do destino entre outros.

Um resgate da nossa responsabilidade em agir bem é necessária, pois está intimamente ligada ao mal moral que assola a humanidade. A igreja tem por compromisso levar a toda a criatura o conceito verdadeiro de felicidade que está desvirtuado desde a queda de Adão. Somente através de Cristo podemos entender a verdadeira felicidade que estar com o Pai. Isso nos coloca em uma posição de humildade pois, somos dependentes da graça divina para enxergarmos os valores corretos em Cristo. Toda criação é sustentada e está sob a soberania divina.

O presente artigo procurou através de Agostinho rememorar dois conceitos bíblicos: a Soberania Divina e Reponsabilidade Humana. Como esses dois conceitos interagem? Mesmo com a grande produção teológica a respeito, a verdade é que é uma questão superracional que não temos condições de entender ainda, o que não exclui a sua veracidade bíblica. Porém, a Soberania Divina não anula nossa responsabilidade.

Para que possamos vivenciar um pouco do Reino estabelecido com a primeira vinda de Cristo, precisamos da Graça Divina. Não é possível entender que nossa vontade está corrompida, sem a Graça Divina. O Livre Arbítrio sem a Graça somente buscará o prazer na temporalidade deste mundo. Porém o caminho para uma vida feliz é abandonar as paixões deste mundo e viver cada vez mais em direção a Deus, e para isso nosso livre arbítrio da vontade deve estar na dependência da Graça Divina, pela soberania de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. **O Livre Arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. 299 p.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução de Almiro Pissetta. 1ª ed. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. 240 p.

AGOSTINHO, S. **Sobre a vida feliz**. Tradução de Enio Paulo. Petrópolis: Vozes, 2018.

ALBUQUERQUE, R. N.; FURTADO, F. C. **A soberania humana e o livre-arbítrio de Deus: Reconciliando nossa escolha com a soberania divina**. Brasília: Editora 371, 2020.

- BAVINCK, H. **A Filosofia da Revelação**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Editora Monergismo, 2019. 342 p.
- BÍBLIA de Estudo nova versão transformadora. Tradução de Suzana Klassen. [et. all]. 1. ed. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.
- BROWN, C. **Filosofia e Fé Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- CARSON, D. A. **Soberania Divina e Reponsabilidade Humana: Perspectivas Bíblicas em Tensão**. Tradução de Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2019. 304 p.
- FERREIRA, J. A. **Teologia Sistemática Contemporânea**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.
- GEISLER, N. L.; FEINBERG, P. D. **Introdução à filisofia: uma perspectiva Cristã**. Tradução de Gordon Chown. 3. ed. ed. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- GOHEEN, M. W. **A missão da igreja hoje: a bíblia, a história e as questões contemporâneas**. Tradução de Valéria Lamim Delagado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019. 392 p.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Tradução de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LEIBNIZ, G. W. **Ensaio de Teodiceia – sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- MADUREIRA, J. **Inteligencia Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- RICOEUR, P. **O Mal: um desafio à Filosofia e à Teologia**. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988. 52 p.